

A exposição individual de **Manuel Vieira** acontece no dia em que se celebra o seu 47º aniversário, o que, só por si, justificaria festa e animação mas, de verdade, motivos para tal estão mais ainda nas obras que aí se mostram, fruto de vários anos de produção artística num processo de estrutura completiva que o autor recusa dar por findo. Isso mesmo será, talvez, a resultante última da sua obra policêntrica, que passa também pela música (com inúmeros registos e grupos tais como os Ena Pá 2000 e Irmãos Catita), pelo trabalho de actor (foi, por exemplo, protagonista na série televisiva recente “Um mundo Catita”) e pelo de agitador sócio-cultural (foi candidato putativo à Presidência da República mais de uma vez; formou vários colectivos artísticos, entre os quais o grupo Homeostético, em 1983, objecto de mostra abrangente em Serralves e, a partir de 2002, forma Orgasmo Carlos, grupo que, segundo um seu manifesto dirigido à imprensa, “é o homónimo de um grupo de heterónimos”): manter a sua obra em constante estado embrionário-evolutivo sem perder a dimensão essencial, estruturadora, do seu discurso que passa, certamente, pela inquietude, o non-sense mordaz, a referenciação aparentemente acrílica do kitsch matizado na sub-cultura nacional-profunda de outrora (still alive). Por isso mesmo esta exposição, a que o autor deu por título “Obras de Manuel Vieira na Fundação Orgasmo Carlos” mais não será do que trilhar um mesmo caminho que vem sendo apenas só seu: cimentar com argamassa risível o muito português hábito da “presunção e água-benta” que fez proliferar, em catadupas, sumptuosíssimas Fundações de Arte, algumas agora a braços com arrestos, como se sabe. Estas obras, as da Fundação Orgasmo Carlos, pelo contrário, vendem-se, não se mostram apenas, o que lhes confere, desde logo, méritos de transparência...

Carlos Cabral Nunes

Direcção artística da Perve Galeria - Outubro de 2009